ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 3 DE MAIO DE 1922 N.º 339

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 110

UM telegrama de Londres informa-nos de que, em Willesden, uma mulher se queixou, perante o tribunal da policia, de que o seu marido a abandonara, vendendo-se a outra creatura com quem passou a viver, porque esta herdara duas mil libras.

Chamado á presença da autoridade, o acusado declarou que procedera assim, pois, achando-se desempregado, não pudera doutra maneira descobrir meios para se sustentar a si e a seis filhos que tinha do seu casamento.

Este caso, que o telegrafo divulgou com a sua proverbial indiferença, encerra, no entanto, uma lição que não é destituida de interesse para quem estude com cuidado as causas imprevistas do nosso tempo.

A fome é má conselheira, mas o seu poder de convicção não conhece obstaculos. Em certas horas, ela pode persuadir-nos duma [illegible], duma loucura ou dum crime. Os que [illegible] acções dos outros, só pela aparencia, não compreendendo as situações desesperadas em que eles sossobraram, erguem-se irosos para os condenar.

— «Castigue-se o culpado!» —

A justiça, que nem sempre é esclarecida nem sensata, ouve e atende estes energumenos. A humanidade, porém, julga as coisas mais justamente que a propria justiça. Ela intervem para impedir que os desgraçados sejam vitimas das pessoas de bem que não admitem outras virtudes nem outros vicios senão os que lhes asseguram a sua felicidade. Atenua e explica delitos que, em determinadas circunstancias, se tornam factos de necessidade como a respiração ou a alimentação.

Embora o telegrafo nos não diga como foi julgado o caso de Willsden, crêmos que o juiz comissario não ousou proferir uma condenação, qualquer que ela fosse, visto que em Genova os representantes de tantos governos se arreceiam de abordar o problema da reorganização economica da Europa, de cuja solução depende a moral dos lares e a estabilidade dos casamentos.

***

EM sintese o caso passado na America do Norte—terra de excentricidades que nós acatamos pelo telegrafo—explorado a duas colunas, com estampas, num nosso colega da noite, foi isto:

Uma esposa que aplicou «rouge» nos labios—a grande «excentridade» americana!—um marido que se fez branco por causa do «rouge»—excentrico homem!—e que se recuzou a beijar a consorte. Esta consentiu em lavar os labios—mas requereu o divorcio.

Ha por ai algum marido ou esposa, em Portugal nascido, que não seja capaz de córar ao ler o relato de tamanha tragedia?

Se não ha, um recurso lhe resta: usar «rouge».

* * *

NO estudo que ontem começamos a publicar, na segunda pagina do *Diario de Lisboa*, sob o titulo—*A Historia da rua da Junqueira*, em vez de Artur Lamas, o verdadeiro nome do seu autor, apareceu a assinatura de Alfredo Lamas. Que o nosso ilustre colaborador nos desculpe deste erro involuntario.

***

CHAMÁMOS a atenção dos nossos leitores para a carta que o sr. dr. Antonio [illegible] publica, na quarta pagina do *Diario de Lisboa*, a respeito da ida ao Brasil, por ocasião da Exposição, duma orquestra sinfonica portuguesa.

O BRASIL

A terra imensa e rumorosa de vidas e paisagens inabraçaveis que Pedro Alvares Cabral descobriu, ficou para sempre dentro dos nossos sonhos. Medindo bem todo o vasto mundo, um português adivinha que, além do Atlantico, descendo para os mares do sul, há para êle uma certeza de triunfo, se quizer entregar-se aos labores fecundos da civilisação.

O Brasil faz parte do nosso culto do maravilhoso, surgindo, nas nossas horas de desânimo e pessimismo, como a quimera donde as esperanças soltam vôo para longe. Muitas vezes as desilusões ensombram os que afoitamente se lançam na aventura de ir conquistar lá premios que as suas ambições não merecem.

Sempre a fortuna foi assim contrária aos que buscam, com a fragilidade dos seus braços, talhar para si um domínio inacessivel ás miserias humanas. Há máguas, angustias, tragedias portuguesas que sagraram a terra de Santa Cruz com o espirito e o coração da nossa raça.

Não podemos considerar o Brasil como uma simples recordação do nosso grande passado, porque ele está tão inteiramente ligado ao nosso ser que, de momento a momento, sentimos no nosso peito as palpitações e aspirações da sua juventude, cheia de seiva e alma.

A India—o deslumbramento dos mares e terras orientais que os nossos guerreiros, navegadores, missionarios e profetas fizeram entrar no ambito das comemorações europêas—distanciou-se de nós no seu corpo e quasi na sua realidade, restando dela sómente o portico dos *Lusiadas* e alguns pedaços de terra iluminada pelo fulgor do heroismo dos nossos maiores.

O Brasil está sempre presente ao nosso sentimento, quer este tome a forma lirica duma saudade, quer se anime com as fulgurações das vozes que penetram o futuro.

Pedro Alvares Cabral fixou-o no espaço, indicando-o aos navegadores como o termo de todas as rotas da Sorte.

Nós descobrimo-lo diariamente no despertar heroico da nossa musa ou no fervor laborioso de vencer a Desgraça.

Os simples aldeãos de Portugal, quando necessitam por-se em contacto com um mundo maior que aquele que comportam as suas experiencias, lançam-se a caminho do Brasil, não com a ideia de irem pisar um solo indiferente ou hostil, mas sim para reencontrarem uma imagem maior da sua Patria.

E' por isso que nós e os brasileiros nunca nos podemos confundir com os outros povos, visto que, no nosso sangue, se fundem os nossos destinos, não podendo o Brasil, na America do Sul, e Portugal, na peninsula Iberica, deixar de se sentirem em comunhão para o Tempo e para a Eternidade.

LAMENTAVEL

—A sua amiga Violeta afirmou-me que eu tinha sido o primeiro homem a quem consentira um beijo.

—Que pena ter começado com tão pouca sorte!

POR motivos independentes da nossa vontade, só hoje podemos referir-nos ao aparecimento, em terceira edição, das *Jornadas em Portugal* do ilustre escritor que é Antero de Figueiredo.

E' um livro em que grandes trechos de paisagem e aspectos risonhos da vida portuguesa conservam toda a frescura das primeiras impressões e toda a verdade do instante em que foram surpreendidos.

A prosa de Antero de Figueiredo, pitoresca, palpitante como uma sensação de sol nascente, rica de construções, cantando num ritmo que se varia numa infinidade de tons, é um admiravel dom da sua sensibilidade, na qual o seu espirito se espelha e afeiçôa, como uma sirena na limpida agua duma gruta marinha.

* * *

ASSEGURRAAM-NOS hoje que o chefe do govêrno está disposto a esclarecer ámanhã na Camara dos Deputados o conflito suscitado entre a Faculdade de Medicina e o sr. ministro da instrução.

Se bem que a atitude da minoria não seja desfavoravel, no caso, para o ministerio, o sr. Antonio Maria da Silva deseja saber questantes até que ponto pode contar com o seu apoio.

Por isso o chefe do govêrno, segundo nos asseguraram hoje, fará ámanhã no Parlamento o diagnostico do mal de que enfermou a Faculdade de Medicina e o ministerio da instrução.

* * *

APESAR de, no congresso do P. R. P., muitos democraticos se terem pronunciado contra a imposição do barrete cardinalicio pelo chefe do Estado ao Nuncio Apostolico da Santa Sé em Lisboa, o governo mantem-se firme no proposito de que essa cerimonia se realize com toda a pompa. Logo após o encerramento do congresso, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, titular da pasta dos Negocios Estrangeiros, em conselho de ministros, fez vêr a alguns dos seus colegas as razões que havia para que a imposição se realizasse, considerando-a como um grande acto diplomatico da Republica.

***

JOSÉ Pequito Rebelo publicou dois folhetos—*Cartilha do Lavrador* e *Pela Dedução á Monarquia*, nos quais defende, com raro brilho, as ideias e principios que constituem o programa do integralismo lusitano. Dentro de pouco, dar-lhe-hemos a atenção e o estudo que merecem. Temos o maior prazer, desde já, em salientar que José Pequito Rebelo, tanto para amigos como para adversarios, é uma das inteligencias mais cultas e uma das mentes mais construtoras da sua geração.

* * *

NUMA lista existente na policia, de jogadores capturados durante os assaltos a clubs, figura um individuo de nome Guedes, que nas casas da profissão, estado, edade, naturalidade e morada tem apenas inscrita a seguinte palavra: «mudo».

O nome do delinquente apurou-o, naturalmente, a policia—de ouvido. Mas não conseguiu arrancar-lhe mais nada. Os mudos são senhores da vantagem de não possuir o dom da palavra.

Este Guedes será posto em liberdade, porque nada disse, nem nada ouviu. A não ser que se haja excedido nos gestos.

Magazine

Entre os novos projectos tributarios em que pensam os nossos vizinhos espanhoes, contam-se os que incidirão sobre heranças, celibatarios, luxo, etc.

Segundo Bagacia, o caricaturista de todos conhecido, esses impostos terão varias consequencias, entre as quais:

Será considerado benemerito e dedicado amigo o defunto que não deixar nada no testamento porque assim evita ao contemplado varias massadas e uma dadiva maior que a herança para o Estado;

Os mendigos não mais se acompanharão de crianças porque os celibatarios inspirarão mais piedade que os pais de familia;

A moda evolucionaria mais no sentido da camisa, a qual só por grande força de pensamento pode ser considerada objecto de luxo, etc.

* * *

O grande movimento humanitario de Espanha a favor da Russia tem despertado a maior admiração da parte de todos e o reconhecimento dos que directamente se interessam em minorar os sofrimentos das desventuradas populações russas.

El Sol recebeu ha tempos uma carta do dr. Nansen em que este agradece carinhosamente o papel importante que aquele diario tem tido no despertar do desejo de salvação dos que sofrem, em toda a Espanha. Mas nessa mesma carta declara que foi impossivel organizar completamente as sementeiras e que por isso, a desgraça imensa daquelas vastas regiões ha de arrastar-se por mais alguns anos...

* * *

A mulher como poetisa, ultimamente, tem-se afirmado dotada de boas qualidades, pelo menos daquelas que dão logar á aprovação das Academias. . Estamos falando do estrangeiro...

Depois da recepção solene na Academia belga de madame de Noailles, vem a vitoria de duas poetisas brazileiras num concurso aberto pela academia brasileira.

Eram sessenta e tantos poetas e duas poetisas, Rosalina Lisboa e Gilka Machado, os concorrentes. Pois os premiados foram apenas as duas senhoras...

A NOMENCLATURA DAS RUAS

A HISTORIA DA RUA DA JUNQUEIRA

Conclusão do artigo do distinto arqueologo Alfredo Lamas

Esta ilegalidade foi denunciada em nome de sua filha menor Ana Maxima, que veio a casar com dr. Antonio da Costa Araujo Maia, por Joaquim da Costa Araujo. Seguiu-se depois a incorporação do vinculo na corôa, a requerimento da denunciante, a qual, por disposição da lei, obteve como recompensa o ficar usufrutuaria dele durante toda a vida.

Por outro lado, D. Rodrigo José de Menezes, 1.º conde de Cavaleiros, continuava, no Juizo da Coroa, as negociações para a aquisição dos bens vinculados por meio de sublocação; mas parece que desistiu a certa altura, não obstante o ter-se já intitulado senhor das casas. Nos arruamentos de 1808-9 e 10 figura a propriedade ainda em nome do conde de Cavaleiros; mas a seguir tem a nota: «He de D. Anna Maxima».

É tempo agora de entrar no assunto principal.

Um dia tive conhecimento de que por tradição constava que D. Eugenia José de Menezes tinha sido raptada da casa que hoje pertence ao sr. visconde do Marco, de cuja historia me estava ocupando. Um rapto de primeira classe! Não o podia desprezar. Rebusquei, li «A Ultima Corte do Absolutismo», o «Dicionario de Inocencio», a «Rezenha das Familias Titulares» e o «Arquivo Pitoresco» onde vem o acordão que condenou á morte o dr. João Francisco de Oliveira. Fiquei sabendo por esse acordão que o raptor aliciou D. Eugenia José de Menezes *até ao ponto de a raptar de casa de seu irmão.* Mas de qual irmão? Do D. Gregorio? Do D. Diogo? Do D. Manuel? Continuei as minhas pesquizas e fui encontrar na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional uma Miscelanea (n.º 805), onde a fol. 205 está incorporada uma historia do rapto, feita por pessoa que conhecia o assunto, com o seguinte titulo: Noticia de um caso sucedido nesta capital de Lisboa em Maio de 1802. As seguintes palavras que lá se lêem: «tendo a dita senhora saido do paço com licença por uns dias. . para casa de seu irmão D. Gregorio de Menezes. . que residia no fim do sitio da Junqueira de cujs casa se fez a fuga. . .» resolveram a minha duvida.

Faltava, pois, sómente verificar que a casa de D. Gregorio de Menezes era a mesma que hoje pertence ao sr. visconde do Marco para que a tradição ficasse confirmada. Recorri, então, com esse intuito, a uma fonte que, em regra é segura: os livros dos arruamentos para o lançamento das decimas, da freguezia da Ajuda. Só quem já folheou esses livros sabe quanto eles são interessantes por nos darem a ideia bastante clara da vida de qualquer localidade em tempos passados. Aqui na Junqueira, por exemplo, vemos, através deles, a funcionar, ininterruptamente, desde o meado do seculo XVIII, no Altinho—no caracteristico Altinho, onde a imaginação de D. João da Camara foi alojar um dos principais personagens da sua popular peça, o «Burro do sr. Alcaide»—uma oficina de ferrador, cujo dono, em 1771, não pagava decima por que só trabalhava para o cavalariça do marquez de Angeja.

Noutro ponto vemos acomodado um modesto vendedor de miudos de vaca. Na praia, além de varias estancias de lenha, divisa-se uma barraca com jogo de bola, pertencente a um criado do patriarca, e nas casas fidalgas podem contar-se os criados e cavalos que tinham.

Pois essa fonte, em regra tão segura, provou exactamente o contrario do que eu queria. Segundo ela, em 1802 e 1803 a propriedade pertencia a D. Rodrigo Marialva e o palacio estava ocupado pelo dono, que tinha tres parelhas e 15 criados. Com tanto pessoal a fuga não deveria ter sido facil.

Apesar de se tratar de uma fonte tão importante admiti a possibilidade de ela não dizer a verdade. Não é costume chamar-se donos aos filhos dos que o são? Que importava á fazenda que fosse o pai ou o filho que habitasse na casa desde que a decima fosse paga? Demais, tinha visto nos mesmos livros registos bastante vagos como, por exemplo, um, em que é indicada como moradora de determinada casa, *uma gente de Lisboa.*

Um dia tive que procurar um processo do Juizo das Capelas da Corôa e achando-me no arquivo onde me dirigi, encontrei lá uns «Autos civeis de libelo em que he Autora Anna Maxima como Donataria da Real coroa da capela instituida pelo Principal Lazaro Leitão Aranha, contra Antonio Alves Barreira Chaves como fiador e principal pagador de Guilherme Candido Xavier de Brito.» E' neste processo, que correu em 1803 e que diz respeito á exigencia de umas rendas devidas por um inquilino das casas anexas á casa nobre, que se acha o precioso documento, que, conforme comuniquei ao sr. dr. Eduardo Burnay, me encheu de alegria quando o encontrei, por ele me dizer exatamente o que eu queria.

E' uma impugnação do advogado do reu onde se lê o seguinte: «P. que não só o Ex.mo Conde confessa o sobredito na sua Atestação junta a fl. mas é um facto publico que ele entrou consecutivamente de posse das mencionadas casas, assim como veio a ocupar sucessivamente todas as outras propriedades de que tinha feito arrendamento ao falecido Antonio Reis de Macedo, e nas quais tem assistido e assiste actualmente o filho do mesmo Ex.mo Conde **D. Gregorio José Ferreira d'Essa e Menezes.»**

Prova mais clara e concludente do que esta não é possivel achar-se.

Os dois processos acima referidos encontravam-se, quando os consultei, no arquivo da 3.ª e 4.ª repartições da Direcção Geral do Ministerio das Finanças, ou arquivo da Fazenda Publica, instalado no edificio do antigo convento de St.ª Joana, a St.ª Marta, na caixa n.º 66 das Capelas vagas, Sala n.º 4 do 2.º andar.

Como hoje está instalada no mesmo local uma repartição de finanças; não sei se será possivel encontrarem-se os processos.

Os n.os 105 e 107 são os que a casa teve durante parte da vida do falecido marquês de Penalva

Quando se deu o rapto a casa não tinha numero. As portas da rua da Junqueira foram pela primeira vez numeradas em 1811.

Artur Lamas.

Mundanismo

Anniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa de S. Payo, e D. ... Silva Cabra de Castro, D. Julia Simas Pereira ..., D. Laura Mendes de Almeida Ferraz, D. Maria de Jesus Correia de Sampaio Botelho, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Maria Henriqueta da Gama Lemos de Mesquita e D. Julia de Oliveira.

E os srs.

Francisco Ribeiro da Cunha, Antonio Garcia Carrasco Bossa e Martins Velho Alcoforado de Barbosa e Sotomayor.

Casamentos

No sabado passado realizou-se na paroquial igreja dos Anjos o casamento da senhora D. Vera Pinto de Morais Sarmento Cohen, gentilissima filha da senhora D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e do sr. Benjamim Cohen, com o sr. Frederico Davidson Perestrelo de Vasconcelos, filho da senhora D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos e do sr. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, tendo servido de madrinhas a mãe e a irmã da noiva, senhora D. Dagma Maria Pinto de Morais Sarmento Cohen de Bettencourt e de padrinhos os srs. Frederico de Albuquerque de Orey e José Bartolomeu Davidson Perestrelo de Vasconcelos, respectivamente tia e irmão da noiva.

Celebrou o acto o rev. prior Pereira dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido, na residencia dos pais da noiva, um finissimo «lunch» da «patisserie» Marques.

Os noivos partiram, em automovel, para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Realizou-se em Cascais, na capela da Casa de Nazareth, no dia 26 de abril ultimo, o casamento da senhora D. Maria da Conceição de Avilez Lobo de Almeida do Melo e Castro, gentil filha da senhora D. Mariana Salema de Avilez e do sr. D. Francisco de Avilez Lobo de Almeida de Melo e Castro, com o sr. Antonio Maria Pinto Coelho.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Luiza Pinto Barreiros Salema e a condessa das Galveias, respectivamente avó e tia da noiva, e de padrinhos os srs. Domingos Pinto Coelho e Fernando Viana Pinto Coelho, respectivamente tio e primo da noiva.

Foi celebrante o reverendo prior de Cascais, Caetano Baptista, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Durante o acto religioso as senhoras D. Maria Gomes Palma, D. Maria Martins Ferrão Gomes da Mata (Penafiel), D. Mariana e D. Maria Francisca de Castelo Branco (Pombeiro) e mesdemoiselles Camara Brequó, fizeram-se ouvir, acompanhadas a orgão pela senhora D. Sara Pinheiro.

Findo o acto religioso foi servido no Casal de Nossa Senhora da Conceição, residencia dos pais da noiva, um finissimo «lunch» da «patisserie» Marques, seguindo depois os noivos para a quinta da Fidalga, propriedade do tio da noiva sr. Fernando Salema, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—No sabado passado realizou-se na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da senhora D. Josefina Manuel de Aboim de Canto e Castro, gentil filha da senhora D. Mariana Manuel de Aboim do Canto e Castro e do sr. almirante José de Canto e Castro da Silva Antunes, com o sr. José Francisco Viana de Lemos da Costa Salema, filho da senhora D. Mariana Viana de Lemos da Costa Salema e do sr. dr. Francisco de Lemos da Costa Salema, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Francisco Viana de Lemos da Costa Salema.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um finissimo «lunch», seguindo depois os noivos para Cintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Baptisados

Realizou-se na igreja de Alcantara o baptisado duma filhinha da senhora D. Mariana Felner e do sr. José Tomás Felner, tendo sido padrinhos seus tios a senhora D. Maria Margarida Felner Costa, e o sr. José Maria Martins Pereira. A criança recebeu o nome de Maria Margarida.

Recitas elegantes

Na noite de 24 do corrente realiza-se no S. Luiz a festa dedicada pela empreza Armando de Vasconcelos aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

Como nos anos anteriores será ai que tudo que de melhor conta a nossa aristocracia dará «rendez-vous».

Os pedidos de bilhetes para esta recita, que decerto marcará nos anais mundanos do S. Luiz mais uma pagina a letras de ouro, devem ser dirigidos a qualquer daqueles nossos colegas para a redacção do «Correio da Manhã».

Em viagem

Encontra-se em Lisboa, vindo de Coimbra, o sr. Virgilio Paiva Santos.

—A bordo do «Beira» partiram para Angola os srs. João Duarte Holbeche e o distinto engenheiro Ramos Coelho.

—Vindo da sua casa da Figueira da Foz encontra-se em Lisboa o sr. conselheiro José Jardim.

—Regressou a S. Paulo (Brasil), acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Maria Amelia Garcia, esposa do sr. Garcia Junior, banqueiro naquela cidade.

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Laverda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

Theatro São Luiz
Empreza A. Ramos Limitada
No escritorio da empreza, da 1 ás 5 horas da tarde, está aberta a **assignatura** para 5 unicas **recitas,** todas com peças diferentes, grandes exitos da
COMPANHIA FRANCEZA DO THEATRE RENAISSANSE, DE PARIS
da qual fazem parte a celebre actriz
Cora Laparcerie
e o grande actor **J. COLIN.**
Toilettes de «Redfern», «Patou» e «Madeleine et Madeleine», de Paris. Mise-en-scène do Theatre Renaissance
Os srs. assinantes dos «Concertos Blanch» têm preferencia até ámanhã, quinta-feira, 4. Na sexta-feira, 5, principia a assinatura livre.

LIVROS NOVOS

"CAPA E ESPADA"

POR

Henrique Lopes de Mendonça

(Socio efectivo da Academia das Sciencias de Lisboa)

TRANSCRIÇÃO DO CAPITULO "O GUIÃO DO IMPERIO"

Henrique Lopes de Mendonça acaba de nos dar mais um curioso livro intitulado, Capa e Espada. *São novelas de sabor antigo, escritas em [illegible] vernaculo que, por desgraça nossa, já [illegible] desusado. Neste livro ressuscita-se toda a graça, todo o galanteio, toda a aventura, todo o amor da gente portuguesa, no tempo da conquista do reino, no tempo da India, no tempo de D. Sebastião.*

A velhice de Henrique Lopes de Mendonça é uma juventude gloriosa para as nossas letras.

[illegible] do Sangue português *e da* Gente *[illegible], o insigne escritor, com a sua pro[illegible] de magia e de encanto, lirica onde o [illegible] ser, apaixonada e sangrenta, entendeu [illegible] todo o nosso passado de gloria e de aventura.*

[illegible] bem. Ninguem como ele o poderia fa[illegible], colorindo, pintando, dando azas a [illegible] factos que andavam perdidos nas [illegible] dizeres do povo. O novo livro [illegible] Mendonça marca um triunfo. Extraímos para aqui, um conto ao acaso que, como todos os outros, é escrito na mais bela prosa da nossa lingua.

Na vespera, havia o imperador Carlos V desbaratado nos campos de Muhlberg os dois caudilhos protestantes, Filipe, landgrave de Hesse, e João Frederico, duque de Saxonia, ambos celebrados com o epiteto de *Magnanimo*. A espada do potentado catolico rompera assim de um relance a poderoso liga de Smalkalde, na qual se alentavam as esperanças do luteranismo e se desvaneciam as ambições dominadoras do Papado.

No olhar embaciado do Cesar havia, pois, por acaso raro, uma chama de jubilo, quando na tenda, colgada de tapeçarias flamengas, recebia os emboras e as homenagens de seus capitães.

As abas do portal, arregaçadas por causa da calma, deixavam ver, sobre o fundo verde-negro de um bosquete, um traço de cavaleiros hungaros, cujas compridas lanças flamejavam ao sol de Abril, e cujos elmos mal se enxergavam por detrás dos enormes broqueis ponteagudos, pintalgados de divisas estranhas. Logo em frente da tenda, erguia-se, chantada do solo pardo, guardada por quatro arcabuzeiros espanhois, imoveis como estatuas, a haste em cujo tope ondulava o guião imperial, esfarrapado e sujo de polvora e sangue, denunciando as furias da peleja e os riscos da vitoria.

Era para esse glorioso pedaço de seda, onde voejava a soberba aguia bicefala, que se dirigiam os olhos interrogativos do imperador, ao passo que junto dele o duque de Alva, aprumado na sua armadura branca e dourada, rememorava as terriveis vicissitudes sofridas pela sacra insignia durante a batalha.

—Um tropel de cavaleiros saxonios caiu de improviso sobre o esquadrão que o defendia—narrava o grande de Espanha com gesto impetuoso.—Sob aquela onda, o esquadrão esmoreceu um instante. Romperam por ele os herejes, acercaram-se do vosso alferes, vibraram-lhe um golpe tremendo que o prostrou... morto. Da mão enclavinhada arrancaram-lhe o guião invencivel. Soltando os seus urros de triunfo, afastaram-se com ele. Debalde tentava o destroçado esquadrão recompôr-se com os corceis estropeados e os cavaleiros banhados em sangue. Eis que de repente emergiu de entre eles, numa arrancada, um fidalgo de cossolete negro, seguido de uns quatro ou cinco criados de estranhas librés. Aos gritos de «Sant'Iago! S. Jorge!» correu á desfilada sobre os inimigos. Alcançou-os num relance. E num relance, semeando entre eles a morte, recuperou o guião de Vossa Majestade.

«Volveu empunhando-o, numa nuvem de poeira e de fumo, entre uma saraivada espessa de pelouros. Atravessou o campo até ao ponto em que os troços do esquadrão avançavam de novo, refeitos do assombro, sequiosos de desforra. E então, com um placido gesto de respeito, como se cumprira uma simples cerimonia de côrte, depois de levar aos labios a fimbria pendente de guião imperial, o audaz cavaleiro depôs a haste na mão do fidalgo que acaudilhava o esquadrão.

Sentado numa alta cadeira de espaldas sobre um supedaneo de dois degraus, forrado de telilha de ouro, Carlos V escutava atento, encostando á mão branca e nervosa o queixo proeminente. A sua voz ressoou por fim, nasalada e grave, no meio da nobre assistencia que rodeava o interior da tenda.

—Quem era esse valente?—preguntou ele

O duque de Alva encolheu os ombros, tauxiados de ouro, e respondeu:

—Ignora-se. Desapareceu logo em seguida á brilhante façanha. Percebeu-se apenas que não pertencia á côrte de Vossa Majestade, pois que ninguem logrou conhecê-lo.

—Algum gentil-homem da Alemanha, porventura.

—Não creio, senhor. Na sua voz repercutia, clara e precisa, a sacra evocação dos nossos: «Sant'Iago!» Mal se lhe divisaram as feições, ainda juvenis, debaixo do bacinete de camalho. O que permaneceu nos olhos de muitos, foi a libré de seus criados: azul com bandas e franjas de prata.

—Bem!—disse o Cesar, abanando a cabeça.—E' preciso averiguar quem seja. Entretanto, seja introduzido á minha presença o enviado de el-rei de Portugal meu irmão, o qual chegou ante-ontem, e a quem prometi audiencia logo em seguida á batalha.

Sairam os dignitarios a quem cumpria a execução das ordens. E Carlos V repetiu:

—E' forçoso averiguar quem seja esse meu valoroso servidor desconhecido. Senhores—prosseguiu ele, circunvagando a vista pelos presentes—desejo dar o premio da cavalaria a quantos me ajudaram nesta vitoria. E' justo, porém, que a todos preceda nessa honra aquele a quem devo a honra do meu guião. Vêde-o! Mal ousa desfraldar-se, ovante, emquanto ao seu libertador não se derem as devidas graças.

Combinavam entre si os fidalgos sobre a forma de encaminhar o inquerito, quando se anunciou a aproximação do enviado português. E, consentida pelo imperador a sua introdução imediata, logo a brilhante comitiva apareceu diante da entrada da tenda.

O enviado era um moço desempenado e esbelto, todo vestido de negro. No gibão de setim, apenas reluzia um colar de ombros, cujos fusis de ouro eram intercalados de pedrarias. As suas feições tostadas, respirando energia e nobreza, pareciam impregnadas do sol dos trópicos. E sobre a comissura estreita dos labios arqueava-se um buço negro e leve.

A seu lado vinha o velho embaixador de Portugal, D. Gil Eanes da Costa, e a sua barba grisalha recaía sobre o aleonado sedoso do saio, barrado de martas.

Adiantaram-se os dois, acompanhados pelo introdutor, e então se descobriu, estacando após eles, a luzida comitiva de pagens, escudeiros e criados.

E uma exclamação de surpresa, mal abafada pelo respeito cortesanesco, irrompeu de muitas bocas. No meio do séquito, uma meia duzia de criados ostentava garridas roupas azues atroceladas e franjadas de prata, cortadas no peito por quatro bandas obliquas de prata.

O duque de Alva inclinou-se vivamente para Sua Magestade, e segredou-lhe algumas palavras, acolhidas com um benevolo aceno.

A este tempo, o embaixador português impetrava a mercê de apresentar a Sua Majestade Imperial e Real o enviado extraordinario de Sua Alteza o Senhor D. João III, rei de Portugal e dos Algarves, D. Luiz de Ataíde, que vinha agradecer a elevada honra da investidura do seu monarca na egregia ordem do Tosão de Ouro e trazer outras mensagens atinentes ao bem das duas coroas peninsulares.

D. Luiz de Ataíde, com uma venia palaciana, poz o joelho em terra para beijar a mão do Imperador. Este, porém, logo em seguida, quebrando os rigidos preceitos da etiqueta diplomatica, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

—Antes de receber a mensagem de meu augusto irmão de Portugal, quizera, D. Luiz de Ataíde, travar convosco mais particular conhecimento.

O fidalgo português inclinou-se.

—Dizei-me, vo-lo rogo—prosseguiu Carlos V com afabilidade—estivestes acaso ontem na batalha?

—Que Vossa Majestade me perdôe o ter tomado essa honra sem permissão sua—volveu D. Luís.—Não me sofria o animo ficar ocioso, quando á minha vista se combatiam herejes.

Então, com o beneplacito imperial, D. Gil Eanes da Costa tomou a palavra para explicar como D. Luís de Ataíde, chegado na vespera da peleja, lhe comunicara a sua resolução de tomar nela parte. Apesar das instancias dele embaixador, receoso de que algum desastre sucedesse ao enviado de el-rei seu amo, o moço fidalgo persistira no seu proposito, dando-lhe particular conta da sua mensagem para que ela não deixasse de ser transmitida ao Imperador, em caso de morte.

—Não houve por fortuna morte—acudiu Carlos V—mas um feito heroico que me apraz recompensar. D. Luís de Ataíde, salvastes do oprobio o guião do Imperador da Alemanha.

—Cumpri um dever de bom catolico—redarguiu o enviado.—Qual o português que o mesmo não faria no meu caso?

—Generosas palavras essas, mancebo!—exclamou o grande principe.—Mas não se diga que foi tarda a recompensa, como foi oportuno o serviço. O Imperador da Alemanha, ainda antes de tratar com o enviado de seu amado irmão de Portugal, deseja render preito ao valoroso defensor do seu estandarte. De suas mãos, ungidas pelo vigario de Cristo, recebereis as bem merecidas honras da cavalaria; seus braços, que aguentam o peso do orbe, vos darão o amplexo fraternal dos fortes e dos puros. D. Luís de Ataíde—acrescentou Carlos V erguendo-se solenemente—é perante os mais altos paladinos da Cristandade que eu vou armar-vos cavaleiro.

Seguiu-se a estas palavras um murmurio de aplauso.

Então, no meio das armaduras argenteas dos grandes capitães da Espanha e da Alemanha, dos gibões multicôres esmaltados de ouro e de joias, das capas consteladas pelos mais egregios emblemas cavalheirescos, destacou-se a figura esbelta e negra do fidalgo português, levemente acurvada perante o maior potentado da Terra. Sem descabida arrogancia, mas cheio de nobre altivez, endireitou-se a seguir, pousou a mão enluvada sobre o punho da espada, e de seus labios romperam estas palavras:

—Senhor, dê-me Vossa Majestade a mão pela mercê. Ela é, porém, tardia, senhor. Cavaleiro já sou. Longe alcancei tal privilegio, que ha seis anos possuo. Recebi-o das mãos de um governador de El-Rei meu senhor, no sopé do Monte Smai. Conceda-me Vossa Majestade que acima de todas preze essa honra, recebida no solo sagrado em que o Rei dos Reis deu a Moisés os seus mandamentos.

E' Quinta-feira, 4, no TEATRO SALÃO FOZ em duas sessões
a premiére da revista
Piparote
original de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, musica de Filgueiras Hugo Vidal e Portela—Guarda-roupa de Castelo Branco—Scenarios de Salvador & Mergulhão—Enscenação de Otelo de Carvalho
BILHETES Á VENDA

APOLO Telef. N.-4.129
Companhia RUAS
TODAS AS NOITES
BELO SEXO
A mais deslumbrante e alegre das peças
Para comodidade do publico, a venda de bilhetes começa, sempre, ás 11 da manhã
Enchentes todas as noites

NACIONAL Telef. N. 3049
GRANDIOSO SUCESSO
HOJE e AMANHÃ
O CENTENARIO
Exito nunca igualado nos ultimos tempos
BREVEMENTE:
Recita da actriz Ilda Stichini
TRISTE VIUVINHA
EDUARDO BRAZÃO fará o seu antigo papel
JOSÉ RICARDO interpretará o papel criado por JOÃO ROSA

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres—56, Ludgate Hill

POLITEAMA
Telef. N. 3023
Sexta-feira, 5 de maio
ESTREIA
—da—
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
1.ª representação da peça de P. Wolf, tradução de Armando Figueiras
Azas Quebradas

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O homem que tinha um pezar

Limpo de fato, semi-janota, correcto como um par de luvas brancas, virgens de apertos de mãos e ignorantes de suores — o homem que eu conheci triste, duma tristesa de caixão coberto a negro orlado de oiro, excitava-me o que eu chamo «não observar», desde que todos os bipedes se encadernaram de observadores. Era infalivel vê-lo, dia a dia, nos cafés conhecidos, nos «restaurants» de esturdia, dentro de horas, fóra de horas, sempre sósinho, sempre enterro de familia, sempre dia de finados.

Procurava para chorar os locaes que os que choram ás escondidas buscavam — para rir das proprias lagrimas...

Abancava á mesa que topasse isolada. E, invariavelmente, garrafas de vinho branco e um copo em serviço constante, faziam boa companhia muda, ao pranto aberto que em rio caudaloso brotava da nascente da sua alma e vinha desaguar na foz dos seus olhos, num delta de amargura.

—Mas quem era aquele homem? Quem era esse, que em todo a parte onde soava Aleluia, marcava a dôr eterna duma quarta-feira de trevas?

Disseram-mo certa noite, em ar de confidencia enrodilhada em misterio:

—Tem um grande pezar, o pobre rapaz. Coisas intimas!

—Bebe para esquecer?

—E esquece-se a beber, como estás vendo...

—Por isso se não esquece nunca de ser triste...

—Não! Pezares intimos, pezares profundos, asseguro-to!

—Acredito,

E juro-lhes que acreditei.

Mas ontem, meus olhos cairam sobre o homem que tinha um pezar. Já o não tinha. Florido, um rosto arejado de alegria, abancara como de costume em face do vinho branco, palrando com um amigo, arquitetando chalaças—feliz como qualquer raro mortal que nunca tivesse provado pão de segunda. Numa das bandas do sobretudo claro, viam-se ainda vestigios de lagrimas—nódoas unicas a manchar a radiosidade do seu contentamento.

Preguntei:

—Aquele?...

—E'. E' o homem que tinha um pezar!

—Não póde ser!

Pode tal ser!

—Mas então?

—Fugiu-lhe ontem a amante, uma rapariga que ele adorava e com quem viva ha sete anos.

—Enlouqueceu?

—Qual enlouqueceu! Está em seu juizo—e ainda bem! Sete anos de paixão! O pobre rapaz já estava farto de chorar!

Sarmento Duque

DE LUTO

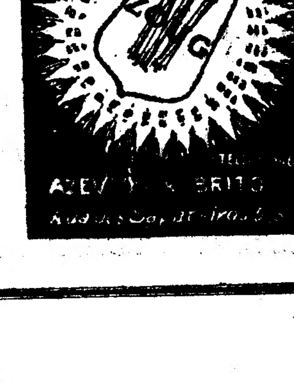
D. Maria das Dôres Ferreira Martins

Faleceu durante a madrugada de hoje a senhora D. Maria das Dôres Ferreira Martins, estremosa esposa do sr. Miguel Martins, distinto chefe dos serviços graficos do «Diario de Lisboa».

A extinta, que era dotada de primorosas qualidades, deixa duas filhas estremecidas, D. Julia e D. Candida Martins da Silva.

O funeral da inditosa senhora, que apenas contava 34 anos, realiza-se amanhã, da rua do Diario de Noticias n.º 102-4.º, para o Alto de S. João, passando pela igreja da Encarnação onde será resado um responso.

A Miguel Martins, querido companheiro de trabalho que nesta casa é justamente estimado, endereçamos um abraço muito sentido.



PORTUGAL LÁ FÓRA

ANTONIO ARROIO

E A IDA DUMA ORQUESTRA PORTUGUESA AO RIO DE JANEIRO

"O maestro Francisco de Lacerda é um musico completo e moderno, um espirito superior e superiormente orientado"

Meu amigo—Consta-me que, no seu tão interessante jornal e em varios outros da capital, se tem debatido uma questão, a meu ver deploravel, referente á possibilidade de ser mandada ao Rio de Janeiro uma orquestra nossa dirigida por Francisco de Lacerda; e que, a respeito deste ilustre musico português, se publicaram afirmações verdadeiramente ridiculas, procurando até fazê-lo passar por um desconhecido.

Ora, crendo ter sido eu quem primeiro aventou a ideia de ser dada no Rio essa manifestação da nossa capacidade artistica, julgo-me no dever de vir explicar o caso e dizer, aos que parecem ignorá-lo um tanto ou quanto intencionalmente, quem seja esse regente de orquestra, que o mundo musical para além dos Pireneus muito bem conhece e respeita. Por isso rogo a V. me conceda dizê-lo no seu jornal.

Conheci Francisco de Lacerda em Paris, no ano da Exposição, e desde então muito o estimo e admiro. Cursava ele ao tempo, se me não engano, como pensionista do Estado, a *Schola Cantorum*; ainda lá não era professor e conferente, como o foi passados tempos. E por isso é que o nosso ministro Sousa Rosa, posteriormente Conde de Sousa Rosa, pedira áquele notavel estabelecimento informações ácerca do estudante português. Foi o grande compositor e director da *Schola*, M. Vincent d'Indy, que lhas deu. Eu tive logo conhecimento da resposta pelo proprio ministro que ma comunicou entusiasmadissimo, mas dela ficau-me apenas esta frase: *Monsieur de Lacerda est né chef d'orchestre.*

Não me consta que M. d'Indy tenha assim informado ácerca de muitos dos seus alumnos; e certo é que ele não se enganou dessa vez. Porque Lacerda, contra numerosos candidatos ao concurso de regente de orquestra da *Sociedade de Concertos* de Montreux, na Suiça, era o escolhido, embora fosse português; e porque, depois de ali ter durante anos organizado e regido uma extraordinaria quantidade de concertos, vencia tambem identico concurso da cidade de Marselha, onde se não demorou muito tempo. Lutos de familia obrigaram-no a regressar á sua ilha, de onde veio o ano passado para Lisboa.

Sob a sua batuta não só fez ouvir a mais elevada e variada literatura sinfonica, como apresentou aos publicos dessas duas terras os mais notaveis *virtuosi* do mundo.

Lacerda é musico completo e moderno; é um espirito superior e superiormente orientado. Foi por isso que invoquei o seu nome na seguinte conjuntura:

Em Outubro passado, falando-se da Exposição do Brasil, procurei avistar-me com dois dos muitos ministros que passaram pela pasta do Comercio,

Havendo tomado parte nas Exposições de Paris e do Rio de Janeiro em 1908, entendi dever ponderar a esses altos funcionarios, de quem fui ou sou amigo, umas quantas considerações que visavam a evitar agora certos precalços que se deram nos referidos certamens. Não queria por forma alguma envolver-me nos trabalhos da comissão a que fosse confiada a nossa Secção na Exposição; pretendia simplesmente esclarecer alguns pontos, levado a isso pela idade que infelizmente já tenho e pela prática que ela me trouxe. Nessa ocasião lembrei a conveniencia de ser mandada ao Rio uma orquestra sinfonica portuguesa; e preguntando-me o ministro quem deveria regê-la, respondi imediatamente:—Francisco de Lacerda.

Será esse o início da noticia propalada?...

E' possível. O que porém agora devo acrescentar é que, pensando eu sempre que só nos convém mandar ao Brasil o que de melhor tenhamos em homens e em artigos agricolas e industriais, a minha indicação impunha-se a todos os respeitos, não podia ser outra.

Note-se que uma tal empresa, de uma orquestra mandada ao Brasil, tem de ser cercada das máximas garantias de êxito para não se converter num desastre.

Como porém esta carta já vai muito longa, permita-me que fique para mais tarde a ampla justificação das asserções que deixo expressas ácerca do valor do nosso ilustre regente de orquestra. A questão carece ser devidamente elucidada, assim como os que afirmam ignorar qual seja esse valor.

E agradecendo a sua deferencia, sou, de v., etc.—*Antonio Arroio.*

Sr. director—Permita-me v. que eu venha fazer umas ligeiras mas necessarias observações á carta ao seu diario dirigida pelo jornalista fluminense sr. Abel Araujo em 24 do corrente ácerca da ideia que ganha terreno da ida ao Brasil duma orquestra sinfonica portuguesa que seria organizada e conduzida pelo chefe de orquestra sr. Francisco de Lacerda.

Começa o sr. Araujo por afirmar que não conhece este artista. Não admira. O autor da carta não o conhece como não conhece outras coisas que não deveria ignorar.

Seria extenso referir aqui a biografia do sr. Lacerda; é longa e eu mesmo só em parte a conheço. Mas para conhecimento do jornalista, dir-lhe-ei apenas que se trata do professor e sub-director da Scola Cantorum de Vincent d'Indy, do conferente da Escola de Altos Estudos Sociais de Paris e do chefe de orquestra que se celebrisou em Nantes, Marselha, Paris, e não sei em quantos mais centros de arte da França, Suiça e outros paises.

Adiante! Que o sr. Araujo não conheça o professor Lacerda, vá.

Mas, pelo visto, ignora tambem, ou finge ignorar as possibilidades tecnicas e artisticas do meio musical de Lisboa e isso é mais grave e estranho. Arrastado pelo seu excessivo zelo, dessa ignorancia se serve para ofender os musicos do país em que vive e apodál-os de incompetentes. Chega mesmo a assacar-lhes desde já, e antes de qualquer prova, no caso de irem ao Brasil, a responsabilidade da má reputação da arte portuguesa na grande Republica da America do Sul, pondo-esta par das tristes coristas de revista barata que, levadas por empresarios gananciosos, a cada passo atravessam o Atlantico para no Brasil darem uma lamentavel e falsa ideia da arte portuguesa. Nada menos do que isto.

Mais mostra o sr. Araujo ignorar, mas, por agora, é inutil discuti-lo. Limitar-me-hei a pedir-lhe que, de futuro, seja menos injusto para com os musicos portugueses e que com as suas apreciações não contribua para o seu descredito que ele lamenta ser tão grande e que, talvez na melhor das intenções, vai consideravelmente agravando.

Pedindo a v. a publicação deste desabafo, rogo a v., etc., at.º ven. m.º grato — *J. B. P. Martins.*

Conservatorio Nacional de Musica

A 4.ª audição dos alunos

A quarta audição de alunos do Conservatorio Nacional de Musica realizar-se-há no salão do mesmo, na quinta feira, dia 4.

O programa é constituido por trechos musicais de Rubinstein, Squire, Freitas Branco, Massenet, Tastini-Leonard, Lizst, Chopin, Max Bruch, Saint Saens, Goltermann, Mendelssohn, Bach e Goselli-Leonard.

Estes trechos serão executados por alunos que frequentam aulas de piano, violino, canto e violoncelo, leccionados pelos professores srs. João Passos, Augusto Machado, Ivo da Cunha e Silva, Garin e Cardona.

O aniversario da descoberta do Brasil

No liceu Camões

No liceu Camões realizou-se hoje uma sessão comemorativa da descoberta do Brasil, seguida de um baile, que decorreu com muita animação.

A discussão das propostas de finanças

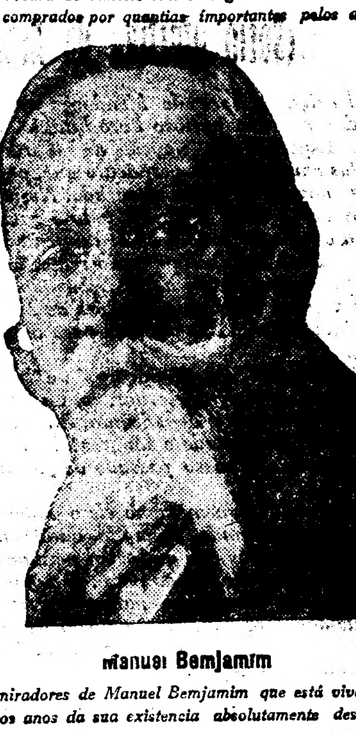
Ao que se diz, as propostas de finanças não entrarão tão cedo em discussão no parlamento. A comissão de finanças estudá-las-há demoradamente.

Os Teatros

A "matinée" de homenagem a Manuel Bemjamim

E' no proximo domingo que no teatro S. Luís se realiza a concorridissima «matinée» de homenagem ao maestro Manuel Bemjamim, na qual tomam parte os mais distintos artistas dos teatros de Lisboa.

A procura de bilhetes tem sido grande e muitos deles foram comprados por quantias importantes pelos amigos



Manuel Bemjamim

e admiradores de Manuel Bemjamim que está vivendo os ultimos anos da sua existencia absolutamente desprovido de recursos.

A festa do corpo coral feminino do S. Luís

No teatro S. Luís faz amanhã a sua festa o corpo coral feminino, que a dedica ao actor-emprezario Armando de Vasconcelos.

Representam-se os dois primeiros actos da popular opereta «A Leiteira d'Entre-Arroios» e um acto de variedades a que darão brilhante concurso as gentis actrizes Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos e os actores Sales Ribeiro e Matias de Almeida.

Enviaram-nos os promotores de tão interessante reclita cinco bilhetes para serem vendidos em beneficio dos pobres do «Diario de Lisboa». Agradecemos.

Atrás do reposteiro

A «première» da linda peça de Pierre Wolf «Les ailes brisées», traduzida com o titulo «Azas quebradas», que estava anunciada para a noite de hoje no teatro Politeama, foi transferida para depois de ámanhã. No desempenho das «Azas quebradas» figuram como principais interpretes as talentosas actrizes Angela Pinto e Amelia Rey Colaço, Ester Leão, Constança Navarro e os distintos actores Robles Monteiro, Gil Ferreira e Raul de Carvalho.

—Na revista «O Piparote» de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues que durante a corrente semana deve subir á scena no Salão Foz a gentil actriz Eugenia Quintão desempenha o papel de «Pecado».

—A companhia Ruas inaugurará a epoca de inverno no Porto com uma fantasia em 2 actos de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, intitulada «O cigarro bregeiro».

—Lino Ferreira, que está organizando em Espanha uma companhia de «zarzuela» destinada á exploração do Eden-Teatro, por sessões, já contratou dois actores comicos espanhois muito conhecidos.

—A distinta actriz Lina Demoel só acompanharia ao Brasil a «tournée» Nascimento Fernandes em condições monetarias absolutamente vantajosas.

—Auzenda de Oliveira representará durante a época de verão no teatro Sá da Bandeira, do Porto, como contratada do actor-empresario Armando de Vasconcelos.

Boletim de Sanidade

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 22 do corrente manifestaram-se em Lisboa 9 casos de difteria, 11 de febre tifoide e 10 de variola, e no Porto, 6 de difteria, 1 de febre tifoide e 2 de sarampo.

Raoul Saint Mars contra Constant Le Marin, em luta livre, seria em qualquer parte um acontecimento; mas hoje, no Coliseu, além dum combate emocionante, ver-se-ha o maravilhoso Grilo, campeão de Portugal, contra Ochoa, campeão hespanhol, em luta romana.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NOS BASTIDORES DA POLITICA MONARQUICA

Está feita a paz dinastica

entre legitimistas e constitucionalistas

Mas, no entender dos "leaders" integralistas, ela pode valer tanto como a paz de Versailles para a Europa...

O acordo dinástico realizado entre as duas correntes em que os herdeiros da tradição monarquica no nosso país estavam divididos, reveste uma importancia que ninguem com espirito de justiça pode contestar e de que o *Diario de Lisboa*, como jornal que apenas, e honradamente, é jornal, não pode deixar de se tornar reflexo—certo de que, com tal proceder, o seu republicanismo, ardente a despeito de delicadamente moderado, nada sofrerá. Porque este acordo de Paris, agora em apreciação publica, envolve um significado que não teve o longinquo pacto de Dover, realizado em tempos em que a Republica ainda era imagem inteira, imagem boa para relicario, e sem as fracturas que o *cola-tudo* das secretarias do Terreiro do Paço ainda hoje mal segura. E esse significado apresenta-se em poucas linhas:—neste momento, a politica republicana caracteriza-se por uma acentuada tendencia dispersiva. Grupos, grupinhos, grupecos. Sem objectivo, sem programa, sem corresponderem a uma autentica corrente de opinião. Dentro deles, mesmo, não existe unidade. Não ha partido que não registe scisões latentes, scisões que se arrastam anos, por entre agressões e abraços, e que são bem peores que as scisões de eclosão rapida. E, a par e passo, eis o espectaculo agora oferecido pelos monarquicos, que esquecem agravos, e divergencias, e odios que vivem ha um seculo, desde as campanhas do *vintismo* e a guerra dos dois irmãos, e que se viram atiçados, avivados pelo ferro em braza das perseguições dos politicos do constitucionalismo. Congregam-se, unem-se. Reunem fôrças e criam razões de entusiasmo que nenhuma lei de tactica despreza—mesmo quando seja seu destino aplicá-las em guerras de paz. Isto é serio. A Republica, através os seus homens de Estado, que pense muito. Emquanto os monarquicos, escudados na guerra e no ambiente propicio a rebeliões que ela gerou, empunharam armas e a procuraram ferir de morte—a defesa ainda foi relativamente facil. Porque é bem peor, nesta hora em que, ainda das mais altas camadas da politica republicana, não parte qualquer empolgante manifestação de intelectualidade, uma ofensiva da inteligencia monarquica, unida, coesa, concertada para a realização de um objectivo em que estejam justapostas as tendencias doutrinarias das suas varias escolas.

Em casa do sr. conde de Sabugosa

«Recebi uma carta de El-Rei, que está bem satisfeito. E eu...»

E, já agora, posto de banda o estilo forçosamente serio, das considerações justificativas de uma reportagem inteiramente dedicada aos monarquicos, que o jornalista fale com o desprendimento, a ligeireza, que o jornal moderno, destinado á leitura rapida dos *electricos*, dos teatros, dos *cafés*, requere.

Em casa do sr. conde de Sabugosa. No salão de espera, amplo, as paredes muito cobertas de quadros em que os antepassados do ilustre titular aparecem em retratos que deixam bem colocados os pintores da epoca, o *reporter* espera. Num balanço rapido, ele examina, uma a uma, as fotografias espalhadas por todos os moveis e que balizam uma vida inteira. Depois da familia, e ela é numerosa, e dos amigos de boa estima:—D. Luiz Filipe, num uniforme gentil que lhe ia bem, o perfil germanico de D. Carlos, D. Amelia num tempo em que era toda mocidade, frescura, e sem que lhe batesse o coração o presentimento das horas negras do futuro. Além destes... Ah! D. Manuel, bigode farto, a

O Correio da Manhã *deve publicar, no seu numero de ámanhã, os três documentos de que consta o acordo dinastico a que, por mais de uma vez, se referiu o* Diario de Lisboa. *O primeiro, é a acta de acordo, datada de Paris, a 15 de Abril, e assinada pelo sr. Ayres de Ornelas, em nome do ex-rei D. Manuel, e pelo sr. Vaz de Almada, conde de Almada e Avranches, em nome do sr. D. Duarte Nuno e da sr.ª duquesa de Guimarães, pelos legitimistas e integralistas considerada regente de Portugal. O segundo, uma carta dos srs. Alberto de Monsaraz e Luís de Almeida Braga, á sr.ª princesa D. Aldegundes de Bragança, em que declaram aceitar, como monarquicos disciplinados, o acordo de Paris. O terceiro e ultimo, uma carta do sr. Ayres de Ornelas, dirigida a estes dois chefes integralistas, em que lhes comunica, em nome do sr. D. Manuel, que ele se considera rei de todos os portugueses, e entende que elementos do seu valor, em vez de recolherem á vida particular, devem continuar a bater-se pela causa monarquica.*

denunciar doze anos de Republica—que ele partiu daqui quasi menino. E mais coisas guarda aquela sala do sr. conde de Sabugosa que, sobre a aristocracia do seu titulo, tem aquela que, por ser moeda mais corrente agora, ele prendeu fortemente á sua arvore genealogica:—a aristocracia do talento, da arte, da inteligencia.

— Queira v. ex.ª...

E seguimos o criado, em demanda do pequeno gabinete em que o sr. conde de Sabugosa, o corpo martirizado por enfermidades, nos deu atenção, em curtos minutos, pela muita consideração que o director deste jornal lhe merece, que não pelo nome do *reporter*...

—O acordo dinastico, sr. conde...

—Sim... o acordo... Mas eu pouco sei. Quasi não saio de casa, não assisto a reuniões. E' que estou um pouco surdo e, não ouvindo... Ontem, o Ornelas queria que eu fosse a casa dele. Parece que houve lá reunião. Mas para que ia lá eu?

—Mas, sr. conde, algumas palavras...—e envolvemos a figura, nobre ainda apesar de quebrada pelo sofrimento, do sr. conde de Sabugosa num pedido que quasi era suplica.

—Então, diga lá no jornal: que recebi, ainda há dias, uma carta de El-Rei. Ele está muito contente pelo caminho que as coisas tomaram e eu... Mas não ponha lá isto como entrevista. Não vale a pena. E isso de entrevistas complica-se sempre.

—Ora essa! Sr. conde...

Uma venia—que a despeito de plebeus, já aprendemos a fazê-las. Depois, novo desfile pelas salas. Essas salas que guardam a memoria de um regimen que—quantas vezes!—o sr. conde de Sabugosa, com a sua alma de artista, reconhecerá mais belo assim do que nos tempos em que tinha vida verdadeira...

Fala o sr. Ayres de Ornelas

«Sim. Estou satisfeito...»

Na casinha tranquila, patriarcal, burguesa em demasia para o logar-tenente do ex-rei, somos recebidos com facilidade demasiada, para que a reportagem sáia coisa de valía. E por isso não nos admiramos quando, no gabinete do sr. Ayres de Ornelas, s. ex.ª, afundado num *maple* que dificilmente lhe dá logar, se limita a opôr á nossa insistencia:

—Os documentos ainda não estão publicados. Portanto, nada posso dizer...

—Mas...

E os argumentos a favor duma larga exposição a respeito do acôrdo, sucediam-se com uma celeridade tal, que nem o sr. Ayres de Ornelas deles chegou a dar conta. Até que por fim:

—Quatro palavras, apenas...

—Já que tanto insiste:—Que estou satisfeito, muito satisfeito. Aí as tem...

E até sobrava uma...

No Hotel Borges

Mas, os integralistas? Eles constituem, na zona realista da nação, a única camada com vida propria, que se queima em actividades, que combate, que espalha doutrinas e tem ao seu serviço uma *jeunesse dorée* que, embora com ridiculos, com exageros de crença, tambem possue virtudes.

Qual o seu criterio ácerca do acôrdo? Aceitam-no? Absolutamente? Com restrições? Ficam com liberdade de propagandear as suas doutrinas, o seu reacionarismo inteligentemente pincelado de espirito moderno? E onde encontrá-los? A tarde, já em avanço, despeja no Chiado gentes varias, mas que não tratam de politica e apenas procuram vintens, para concerto da vida.

O factor sorte nunca deixa de surgir nestes casos de jornalismo. E foi devido á sua intervenção, que lográmos averiguar á presença, ás duas horas certinhas da tarde, ali mesmo no hotel Borges, dos srs. Luís de Almeida Braga, Hipolito Raposo, Antonio Sardinha e Pequito Rebelo—quatro nomes que, mesmo quando precipitados em *raids* a terrenos alheios ao integralismo, nunca deixam de conquistar boa posição. Lançamo-nos ao seu encontro. Fomos mais longe; desprendidamente, e sem mesmo esperarmos convite, tomámos logar á mesa em que os quatro *leaders* integralistas—é de justiça dizer que já têm publico para receber tal designação—mandibulavam um almoço vagamente suculento...

—Pois o acôrdo, meus senhores...

E discreteamos, num grande ar de advogado que não conhece a causa que lhe confiaram e esquece que está rodeado de pessoas de inteligencia. Mas as declarações por elas produzidas são tambem de reduzida suculencia. Quantas vezes um *menu* não influe na sorte de uma *interview*! E insistimos, declinando; de quando em quando, a conversa, por atalhos que a habilidade do sr. dr. Antonio Sardinha fazia surgir nos pontos de mais melindroso acesso. Ele vinha de Madrid—chegára hoje. O sr. Luís de Almeida Braga, ainda trazia uns posinhos de Paris, aonde assistira, com delegacia do integralismo e na companhia do sr. conde de Monsaraz, á conferencia para a paz monarquica. Por isso, a sua tendencia para os assuntos internacionais era irresistivel...

E o almoço já no fim! Cousas serias, nem uma. Apenas o sr. Almeida Braga anunciára com desprendimento:

—O Monsaraz chega hoje, á noite.

—E ele é que as deve trazer fresquinhas...—concluimos, intimamente.

Depois da carne, tinham surgido os filetes de pescada. Estava proximo o *terminus* do almoço e lançámos uma conclusão, uma vez que, interrogando o nosso exito não fôr alem de meias frases tão imprecisas que nem a memoria as guardou:

—Ora bem... Agora, que está feita a paz entre os monarquicos!

—A paz?—atalhou o sr. dr. Antonio Sardinha—Ainda não! Por emquanto...

—De positivo ainda nada ha—completou o sr. Luís de Almeida Braga.—As negociações começadas em Paris, continuam agora em Lisboa.

—Então...

—Pondo o caso com clareza:—Até agora, estavamos em guerra. Hostilidade franca, guerra em que se empenhavam todos os efectivos. Ora, em Paris, apenas conversámos, concluindo por fazer um armisticio. Vamos agora ver se chegamos á paz, continuando a conversar em Lisboa...

—E se essa paz fôr como a de Versailles...—fizemos, num comentario inexprimivel.

Todos se sorriram. Intencionalmente—vincando mesmo a intenção. De sorte que, a fechar estas notas quasi desconexas de um trabalho de *reporter* que apenas começou, podemos registar, a par de uma evidentissima satisfação dos constitucionalistas, uma grande dose de scepticismo da banda daqueles que representam o Integralismo Lusitano—uma dose de scepticismo talvez superior áquela que a missão bolchevista á Conferencia de Genova, levou na sua bagagem...

S. P.

A repressão do jogo

O assalto de ante-ontem ao «Club Peras»

Ainda continuam nos calabouços do governo civil os individuos que ante-ontem á noite foram presos no «Club Peras» e num «comboio» que estava funcionando no largo do Jardim do Regedor.

As respectivas participações foram hoje enviadas do comando geral da policia para a 1.ª secção da policia de investigação, que vai proceder ás necessarias diligencias a fim de apurar responsabilidades.

O individuo que no «Club Peras» fôra ferido na ocasião do assalto da policia, encontra-se livre de perigo.

Noticias de longe

Um desejo dos habitantes de Cabo Verde

No Gabinete dos «Reporters» foi recebido o seguinte telegrama:

S. VICENTE DE CABO VERDE, 2, ás 15,25.—Apoiamos a acção energica, inteligente e moralizadora do administrador interino do circulo aduaneiro, Adelino de Sá, do director da Alfandega de S. Vicente, Alexandre de Almeida. Pedimos a nomeação definitiva do primeiro para indispensavel continuação da boa ordem de serviços alfandegarios.

(a) Serrados Jaime Santos, Bomui Leça, Rafael Santos Ferramar, Marçal Limitada, Cesar Gil e Alfredo de Miranda.

MANUEL CASAL

Agente Geral de "LA PRÈSERVATRICE"

RUA AUREA, 87, 1.° — LISBOA

TELEF. C. 3187

Participa aos srs. automobilistas que, tendo desde ha muito organizado para o seu negocio de seguros um cadastro completo de todos os carros existentes em Portugal, aproveitou essa organização para estabelecer no seu escritorio uma secção agencial de compra e venda de automoveis, dispondo já dos seguintes carros:

Marca	*Forma*	*Força*	*Lugares*	*Preço*
DARRACQ....	Torpedo.....	12|15-HP..	Sete...	21.000$
HUDSON........	Torpedo.......	39-HP...	Sete....	22.000$
BENZ	Torpedo.......	16-HP...	Sete....	20.000$
RENAULT....	Cabriolet...	22-HP..	Seis...	45.000$
STUDBAKER	Torpedo.......	26-HP...	Sete....	27.000$
BUICK.........	Torpedo......	34-HP...	Seis....	25.000$
FORD	Torpedo.....	27-HP...	Cinco ...	9.500$
HUDSON........	Torpedo......	39-HP...	Cinco ...	30.000$
BRAZIER	Omnibus	46-HP...	Quarenta .	21.000$
BRAZIER	Torpedo.......	35-HP...	Seis...	20.000$
BRAZIER	Galera	54-HP...	—	8.000$
NAPIER	Coupé de Ville...	15-HP...	Cinco ..	18.000$
BELAHAYÉ	Limousine	11-HP...	Sete...	44.000$
OPEL	Torpedo.......	20-HP...	Sete...	17.500$
HORCHE........	Camion.......	54-HP...	—	22.500$
MERCEDES	Torpedo.......	28|95-HP...	Quatro..	85.000$
BENZ	Torpedo.......	8|20-HP...	Sete...	32.000$
IMPERIA........	Desmontavel....	20-HP...	Sete...	40.000$
MERCEDES......	Coupé........	18|45-HP...	Cinco ..	50.000$
LATIL	Torpedo.......	41-HP...	—	14.000$
PEUGEOT....	Torpedo....	40-HP..	Cinco..	35.000$
DEIETRICH	Torpedo.......	—	—	20.000$
RENAULT....	Torpedo....	18|22-HP..	Seis...	18.000$
APOLLO	Torpedo......	28-HP.	Seis....	20.000$
BAYARD........	Torpedo......	12|18-HP..	Cinco ...	13.000$
HUPPMOBILE.	Torpedo....	20-HP..	Sete...	16.500$
BENZ........	Limousine...	30-HP..	Cinco..	27.000$
HORCHE......	Torpedo....	10|30-HP..	Sete...	32.000$
VERMOREL	Torpedo.......	12|16-HP...	Sete....	12.000$
PANHARD....	Torpedo....	16-HP..	Seis...	40.000$
BRISCOE.....	Torpedo....	20-HP..	Cinco..	13.000$
PEUGEOT	Landoulet......	19-HP...	Sete....	26.000$
RENAULT	Landoulet......	25-HP...	Sete....	18.000$
UNINPON	Torpedo....	33|70-HP..	Sete...	42.000$

REVOGAÇÃO DE MANDATO

Para os efeitos do artigo 646.º do Codigo do Processo Civil, faz-se publico, que, Manuel Antonio da Silva, comerciante, estabelecido na rua de S. Nicolau, numero 104, retirou os poderes de geral administração que havia conferido a sua esposa D. Maria das Dores Pereira da Costa, moradora na avenida da Republica, numero 7, rez-do-chão, desta cidade de Lisboa.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6	18$00
12	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

Pão Aliança

(FABRICO MECANICO)

Encontra-se á venda nos seguintes depositos:

N.º 1 — Rua do Amparo, 1 a 7
N.º 2 — Rua da Betesga, 12 e 14
N.º 3 — Rua Eugenio dos Santos, 11 e 13
N.º 4 — Praça das Flôres, 1 e 2

Abertura em breve dos deposito n.os 5 e 6, no Largo do Calhariz, 10 e 11 e na Rua de D. Pedro V, 119 e 121.

Provisoriamente á venda nos seguintes locais; emquanto se não criam depositos especiais: Rua Alexandre Herculano, 54; Rua Almirante Barroso, B. S.; Rua Actor Taborda, 32; Rua Vinte de Abril, 177; Largo da Graça, 133 e 133-A; Rua da Senhora da Gloria, á Graça, 88 a 96 e Rua de Santo Antonio da Sé, 2 a 8.

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente — Compra e venda de cambiais — Cartas de credito sobre o país e estrangeiro — Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO — COIMBRA — VIANA DO CASTELO — SANTAREM — FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Os melhores calçados

Solas impremiaveis

ESPECIALIDADE EM FORMAS AMERICANAS

A' venda na Sapataria CONTENTE, L.da

R. DO CARMO, 74

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA

CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: **Bronquite, doenças do coração, flebitos, peles, gota e reumatismo artritico**

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

SOCIEDADE ESTORIL

Caminho de Ferro do Caes do Sodré a Cascaes

Horario dos comboios

2.º aditamento ao cartaz horario H-1

A partir de 1 de maio proximo futuro, o comboio 101 do actual horario — Cartaz H. 1 de 28 de outubro de 1921, passa a ter 30 segundos de paragem nas estações de Belem e Pedrouços, para serviço de passageiros.

Lisboa, 27 de abril de 1922.

O Director da Exploração

M. Belo

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346
TELEGRAMAS: — GALVANICA

ARMADURAS ESTANQUE PARA ILUMINAÇÃO PUBLICA

KÖRTING & MATHIESEN A. G.

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE PEKIN

Uma esquadra chinesa que se entrega completamente ao cruzador "Haichi"

VINTE MARINHEIROS MORTOS por bombas lançadas de aeroplanos

PEKIN, 3.

A esquadra chinesa do norte rendeu-se ao cruzador «Haichi» que arvora a bandeira de Sun-Yat-Sen. A rendição da esquadra foi devida aos aviões de bombardeamento que o governo de Cantão enviou contra os navios. Um deles lançou varias bombas sobre um dos barcos matando vinte marinheiros e ferindo cerca de trinta. Em vista da impossibilidade da resistencia o almirante chinês rendeu-se então ao «Haichi». —(U. P.)

A protecção aos estrangeiros

PEKIN, 3.

As legações estrangeiras recomendaram aos seus nacionais residentes fóra da cidade que se refugiem no interior dela.

Espera-se a chegada de varios navios de guerra franceses e ingleses que ancorarão na embocadura do Peiho.—(R.)

Um combate naval

LONDRES, 3.

Dizem de Pekin que se travou um grande combate entre as tropas do marechal Tchang Tso-Lin e as do general Wu Pei-Fu.

Os feridos do exercito de Tchang Tso-Lin começam a chegar a Pekin. —(U. P.)

O rei da Servia em Paris

PARIS, 3.

O rei da Servia que se encontra incognito nesta cidade tem tido varias entrevistas com personalides em destaque.—(R.).

A Rainha da Romania actriz de cinema...

LONDRES, 3.

O «New-York Herald» diz que a rainha da Romania vai aparecer numa fita cinematografica, recebendo da casa que a explora, 75 mil dolares e mais 60 °|₀ de lucros.—(U. P.).

AVENIDA

Perola Negra

Estão suspensas as entradas de favor

A CONFERENCIA ECONOMICA

A RECONSTRUÇÃO DA RUSSIA e a diplomacia francesa

OS TRABALHOS VÃO TOMAR UMA NOVA ORIENTAÇÃO?

A viagem de Barthou a Paris parece ter tido como resultado o abrandamento da resistencia da França a qualquer transigencia para com a Russia. Conforme derivava da logica mais elementar, a conversa de Barthou com Poincaré só podia ter dois resultados: ou a França cedia ou rompia. A França, ao rompimento que a isolava da Europa, preferiu abandonar a rigidez das imposições que mantivera desde o primeiro dia e que foram causa das perturbações continuas que tem vindo prejudicando profundamente os trabalhos da conferencia.

* * *

Tchitcherine escreveu a Barthou e Barthou a Tchitcherine. Os textos das cartas não foram ainda publicados, mas conhece-se o conteudo dêles. O delegado russo declara categoricamente que o tratado de Rapallo não contem senão clausulas comerciais e é base para acordos particulares, acrescentando que entre a França e a Russia ha tantos interesses comuns que julga muito facil para ambos chegarem, por sua vez, a um acordo.

O delegado francês apressou-se a dar conhecimento desta carta á assembleia da primeira sub-comissão e a informar disso Tchitcherine, acrescentando que a França sentia a mais profunda e velha amizade pela Russia, sua aliada de três anos.

Estas noticias são dadas sem espalhafato, o que faz crêr que a França se viu obrigada sinceramente a entrar noutro caminho.

* * *

Não se julgue porém que a Conferencia de Genova vai agora trabalhar maravilhosamente, sem entraves, só porque os dois delegados inimigos trocaram aquelas duas cartas, ainda que ponhamos nelas a mais completa sinceridade e boa fé, porquanto, guiados por principios absolutamente diferentes, as coisas não têm para ambos o mesmo significado.

A França desistiu de impôr os seus pontos de vista, ao que parece; era uma teimosia, prejudicial a todos e a ela própria, no conceito dos mais categorizados economistas; abandonando-a, porém, e isto queremos frizar, dá-nos a impressão de querer entabolar imediatamente com a Rússia os entendimentos que Techtcherine insinúa e que já foram objecto de tentativas diplomaticas por parte de Radek.

Com efeito, uma vez entrada no caminho das concessões, o interesse primordial da França é alcançar na reconstrução da Rússia, um papel tão importante quanto possivel.

* * *

Mas isto são hipóteses que só poderão verificar-se depois de vencidas certas dificuldades que vão surgir imediatamente, e que podem levar a Conferencia á mesma tensão de há pouco.

Ha dias que as delegações capitalistas hesitam em enviar um ultimatum aos delegados russos a que estes apenas responderão: sim ou não.

Esse ultimatum já foi redigido e alterado varias vezes. Tem sido discutido, posto de parte, novamente discutido e redigido, sem que as potencias tomem emfim a resolução de o entregar aos russos.

E' que ha nesse ultimatum um ponto, um unico é certo, mas um ponto em que nem bolchevistas nem capitalistas podem ceder, porque ceder, para uns ou para outros, equivale a reconhecer em relação a si proprio os principios que governam na outra nação.

E' a questão da indemnização pela nacionalização dos seus estrangeiros.

Os estados capitalistas exigem a indemnização, os russos recusam-na. Para uns e outros, abandonar o seu modo de ver equivale a abandonar o seu principio governativo, pelo principio dos outros.

Os capitalistas dizem que não podem reconhecer o direito bolchevista sobre a sua pessoa e propriedades. Os bolchevistas não podem indemnizar os estrangeiros, porque, como disse Tchitcherine numa entrevista dada em Genova, muito recentemente, nos dias em que a questão se apresentava mais agudamente:

«As massas populares russas consideram a propriedade territorial e industrial como formas de privilegio analogas aos direitos feudais antes da Revolução Francesa, e á servidão antes de Alexandre II. Ora esses privilegios antigos foram abolidos sem indemnização. Queremos que suceda assim com os nossos. Por consequencia, nesse ponto, não podemos recuzar».

....

«Mas uma indemização geral é absolutamente impossivel segundo o nosso modo de ver».

«Neste ponto ha entre nós um abismo por cima do qual podemos olhar-nos muito tempo, sem nunca nos encontrarmos»

* * *

Eis porque os trabalhos da Conferencia de Genova ainda hão-de ser muito dificeis, ainda que, na melhor das hipoteses, a França tenha entrado definitivamente no caminho que desejam as outras nações da Europa.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA

Rua do Ouro, 18, 24

PORTO

Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

DE GENOVA

A delegação francesa e o memorandum que foi entregue aos "sovietistas"

AS DECLARAÇÕES DE BARRÈRE e a aprovação do governo francês

GENOVA, 3

A's 16 horas reuniu-se a sub-comissão dos negocios russos, não tendo assistido á sessão os representantes da Belgica. Não obstante as numerosas e instantes solicitações que lhe foram feitas durante todo o dia, o sr. Jaspar persistiu em não ir tomar o seu lugar, no «comité» dos peritos e na sub-comissão. Logo ao começar a sessão o sr. Barrère declarou, na conformidade das instruções que recebera de Paris, que a delegação franceza não podia dar a sua aprovação definitiva ao «memorandum» em virtude da redacção do art. 6.º.

Tendo o sr. Barrère declarado na reunião da sub-comissão dos negocios russos que a delegação francesa se não opunha á entrega do «memorandum» aos «soviets» sob reserva, todavia, da aprovação do seu governo, a sub-comissão resolveu enviar sem demora aos «soviets» o texto do «memorandum». A carta de envio não contém mais do que a fórmula de envio, á qual o sr Schanzer, como presidente da conferencia, acrescentou a frase relativa á reserva da delegação francesa até á recepção de instruções de Paris.—(H.)

EM MARROCOS

A ofensiva espanhola

O terreno favorece os rebeldes

MELILLA, 3

As tropas espanholas teem encontrado por parte das forças que combatem pelo Raisul uma resistencia extraordinaria. O terreno favorece os rebeldes e os kabilas que agora combatem-se são dos mais aguerridos e selvagens. No entanto o Alto Comando está absolutamente decidido a prosseguir rigorosamente na ofensiva quebrando todo o poder arrogante de Raisul.—(R.)

Os caminhos de ferro russos

Vão ser entregues ás antigas companhias arrendatarias?

HELSINGFORS, 3.

O governo dos «soviets» convencido da impossibilidade de explorar as redes ferroviarias da Russia, está no proposito definitivo de as entregar ás antigas companhias arrendatarias. O Estado conservará unicamente as linhas de importancia estrategica.—(U. P.)

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

UM CONFLITO GRAVE

O vaga do sr. dr. Julio de Matos NA Faculdade de Medicina

O sr. Manoel de Sousa contradiz algumas das afirmações do sr. dr. Luis Raposo

O *Diario de Lisboa*, que tem procurado manter uma linha strictamente imparcial em todos os conflitos, é alheio á questão agora suscitada pela nomeação do sr. dr. Fausto Lopo de Carvalho para a vaga aberta na Faculdade de Medicina pela morte do ilustre sabio dr. Julio de Matos. Assim, publica hoje a carta que se segue e que nos foi enviada pelo sr. Manuel de Sousa, aluno do 5.º ano medico da Universidade de Coimbra, onde se contradizem varias afirmações feitas numa entrevista, publicada neste jornal, pelo sr. dr. Luiz Raposo.

Sr. director.—Devido ao atrazo com que aqui chega o jornal que V. tão brilhantemente dirige, só hoje eu e os meus colegas tomámos conhecimento duma entrevista que com o Sr. Dr. Luiz Raposo teve um dos seus redactores a proposito da nomeação legalissima do Prof. Doutor Fausto Lopo de Carvalho para a vaga aberta na Faculdade de Medicina de Lisboa pela morte do ilustre sabio o Doutor Julio de Matos.

Pela segunda vez no curto espaço de um ano, vem a Faculdade de Medicina de Lisboa mostrar a sua má vontade contra a de Coimbra e desta vez associando-se lentes e alunos.

Que as palavras da entrevista não traduzem a verdade demonstra-o (só cito isto e basta) a referencia que o Dr. Raposo faz ao concurso do Prof. Lopo de Carvalho fez para a regencia da cadeira de Propedeutica medica nessa Faculdade, concurso que por lei era dispensado visto que regia essa cadeira na Faculdade de Coimbra, mas a que se quiz sujeitar por probidade scientifica.

A Faculdade de Medicina de Lisboa, pelo seu Conselho Escolar, não protestou contra a maneira pouco correcta como o Prof. Lopo de Carvalho foi irradiado da cadeira que tinha pleno direito de reger quer em virtude da lei quer pela sua competencia absolutamente reconhecida, até no estrangeiro (Vidé Dumarest, la pratique du pneumothorax artificiel therapeutique) e vem agora protestar porque o Ministro da Instrução se limitou a cumprir a lei: (§ 4.º do artigo 37.º do decreto n.º 6.190 de 31 de Outubro de 1919—artigo 89.º da lei de 9 de Setembro de 1908—§ 1.º do artigo 10.º e artigos 26.º e seguintes do Regulamento aprovado por decreto de 25 de Novembro de 1886). A transferencia feita pelo Ministro da Instrução em despacho do «Diario» de 22 p. p. foi absolutamente legal. De resto o proprio sr. Luis Raposo o reconheceu quando, na entrevista declara — «os assistentes da Faculdade deliberaram igualmente, por unanimidade, acompanhar os mestres no seu protesto, pedir a sua demissão colectiva se aquela transferencia se efectivar *e pugnar pela revogação da disposição legal* que, embora sofisticamente se presta a uma interpretação tão pouco consentanea para o prestigio do ensino».

Uma coisa que eu gostava que o sr. Raposo me explicasse era em que é que ele e os seus ilustres e dignos colegas reputam deslustrosa para o ensino a permanencia do Prof. Lopo de Carvalho dentro da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Não quero roubar-lhe mais espaço, sr. Director.

Ao terminar, quero ainda dizer-lhe que o meu curso enviou ao sr. Ministro da Instrução um telegrama saudando-o e pedindo-lhe que mantenha o seu despacho, absolutamente legal e justo.

Esperando de V. a publicação destas linhas, tenho a honra de me subscrever—De v. etc., *Manuel de Sousa*, aluno do 5.º ano medico da Universidade de Coimbra.

GREMIO LAFONENSE

Realiza-se no dia 6 de maio, no Gremio Lafonense, uma festa particular promovida por uma comissão de rapazes da nossa sociedade. Representam-se, entre outras peças, «A Ceia dos Cardeais» e «Francês e inglês». Haverá tambem um acto de variedades, seguindo-se baile.

O publico, que muitas vezes se indigna na luta romana contra fases que julga incorrectas, que atitude tomará hoje quando vir o popular Constant contra o violento Saint Mars na luta livre? O Coliseu é hoje pequeno por isso e porque se batem em luta romana Grilo e Ochoa, campeões português e hespanhol.

AZAS GLORIOSAS

OS AVIADORES BRASILEIROS CHAVES E DELAMARE VÃO RETRIBUIR A VISITA DE SACADURA CABRAL E DE GAGO COUTINHO?

O "DIARIO DE LISBOA" TEM UMA PEQUENA CONVERSA COM O SR. MACEDO SOARES, SECRETARIO DA EMBAIXADA DO BRASIL

Ha sempre flôres em casa dum diplomata. Estas, que estão aqui á minha direita, são goivos vermelhos, damasco velho como o de certas cadeiras de prelado. Abrem o seu aroma em cada corola, tão intenso e tão perturbante, como se perto um frasco de essencia estivesse destapado. A sala tem meia sombra. Vamos para outra conversar, onde ha reposteiros de seda amarela; mais flôres; o Brasil em fotografias e um espelho oval, de aço maguado.

Senta-se a meu lado o sr. Macedo Soares, que é secretario da Embaixada do Brasil.

Com simplicidade, que isto de entrevistas é uma coisa horrivel, com assuntos dados:

—O nosso Brasil...

E conversa-se levemente, fixando aqui um ponto, além outro, conforme o espirito quere, sem se prender a um assunto, sem o deixar tambem.

—A festa de hoje não tem a solenidade dos mais anos porque a embaixada está de luto. Morreu o chefe.

Seguimos. Outra pregunta, emquanto se acende um cigarro.

—O Aereo Club Brasileiro?... Fala-se tanto agora nele...

—Tem dado um grande impulso á nossa aviação civil. Hoje temos mais de quatrocentos aparelhos de guerra.

—Mas não ha hidro-aviões...

—Ora não ha! Quem lho disse! São hidro-aviões de reconhecimento, não prontos para grandes vôos.

—Mas esse Aereo Club...

—Está filiado na Aviação Internacional. Pode conceder *brevets*.

—Nomes...

— Edu Chaves — Edu, abreviatura de Eduardo—que foi do Rio a Buenos Aires. Grande *raid* que comoveu o Brasil... Outro ainda: Delamare, que fez o primeiro vôo na America do Sul.

—Santos Dumont...

—Tambem. Homem já velho, de tradições e estudos gloriosos, presidente honorario do Aereo Club... Edu pode-se comparar a Sacadura Cabral; Delamare a Gago Coutinho.

Lembramos:

—E se eles retribuissem a visita dos nossos aviadores...

—Oh! linda ideia! E sabe, podia muito bem ser. O caminho está aberto.

—E é provavel...

—E', sim. A chegada dos dois heroicos aviadores ao Rio vai despertar um enorme entusiasmo. E' possivel que nasça então a ideia.

Outro cigarro.

—O ano que decorre vai ter uma enorme repercussão internacional para Portugal. O sr. dr. Antonio José d'Almeida terá em todo o Brasil um grande exito pessoal. A sua palavra é formosissima. Depois, muito cordeal; uma bela *prestance*.

—A sua viagem será mais proveitosa para nós do que foi para a Belgica a do rei Alberto?

—Muito mais. O rei Alberto era um soldado, um pouco frio. Teve uma bela recepção por parte do elemento oficial. Mas o vosso presidente deve causar um extraordinario entusiasmo na população...

—Vantagens economicas...

—E' disso que precisamos cuidar. Portugal perdeu uma bela ocasião quando passou por Lisboa o sr. Epitacio Pessoa. Até ele estranhou que não lhe falassem nisso. Mas que quere? o sr. dr. Domingos Pereira estava demissionario. O rei da Belgica herdou de Leopoldo o espirito comercial... Quando foi ao Rio de Janeiro conseguiu para o seu país uma larga remessa de materias primas até 100 mil contos. Juro pequenissimo; pagamentos a longo prazo... Obtivemos para os nossos produtos uma redução de 20 o|o nas alfandegas belgas.

—O mesmo pode Portugal obter. Não é assim?

—Com certesa! O presidente da Republica quando voltar dirá ao Parlamento o que foi a sua viagem. Certamente que não lerá apenas os seus discursos...

—Um tratado comercial...

—E' um pouco dificil, mas não é impossivel. Os produtos luso-brasileiros, em vez de se guerrearem, podiam-se impor ao mundo. Detemos dois terços da produção mundial de cacau.

—Não é só o cacau...

—Pois não. A borracha tambem. Nós ainda não montámos no Brasil a indústria da borracha, em virtude do encarecimento da mão-de obra.

«Os americanos compram-na em bruto, manufacturando-a depois. Se Lisboa fosse um porto franco, podia-se aqui montar a grande oficina para a fabricação desse produto que pagaria um pequeno imposto de saida...

A frase final:

—A viagem do sr. presidente da Republica ao Brasil é o complemento do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro. Este ano trará imensas vantagens para Portugal, sob o ponto de vista diplomatico.

A delimitação dos nossos territorios ultramarinos

O submarino «Golfinho»

A fim de fazer parte da comissão encarregada da delimitacão da fronteira Lunda-Congo-Belga, vai ser exonerado do submersivel «Golfinho» o 1.º tenente Victor Lino.

No teatro Salão Foz

A proxima estreia da revista "Piparote,,

No Salão Foz vai subir á scena, ainda na semana presente, uma revista moderna, atraente, condimentadn com arte, enscenada e vestida com a meticulosidade e o brilho que o actor Otelo de Carvalho não tem deixado de desejar e tornar real em todos os trabalhos do genero que naquela casa de espectaculos, sob a sua direcção foram já apresentados.

Intitula-se a revista, que é da autoria de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues—*Piparote*.

Assistimos ontem a um ensaio de apuro. A impressão foi boa e porque o foi com justiça a registamos. Ligeira, espirituosa, toda ela recheiada de conceitos criticos da vida que passa, expostos com «verve» e simplicidade—é bem um piparote capaz de abrir risos francos em todos os rostos e de interessar de ponta a ponta o espectador.

Não é genero parisiense. E' genero lisboeta—que os lisboetas não teem necessidade de importar o seu genero do estrangeiro.

Mergulhão e Salvador, firma acreditada, pintaram os scenarios. Castelo Branco garantiu-nos que se esmerou no guarda-roupa. Luís Filgueiras, Raul Portela e Hugo Vidal musicaram o *Piparote*.

Dizendo-se que no seu desempenho entra toda a companhia Otelo de Carvalho, presentemente a mais homogenea que trabalha em palcos de revista, deve o leitor prever que o *Piparote* agradará.

Que, de resto, o leitor não deixará, cheio de curiosidade, de ir ao Salão Foz fazer justiça por suas mãos...

O "RAID" LISBOA-RIO

O cruzador "Republica" JÁ regressou a Fernando Noronha

O entusiasmo no Brasil e o reconhecimento dos nossos aviadores pela receção

RECIFE, 3.—O cruzador «Republica» regressou a Fernando Noronha, tendo acorrido ao cais inumeras pessoas que saudaram a tripulação.—(A.)

O estado do mar em S. Pedro e S. Paulo

RECIFE, 3.—Sabe-se que o mar nas proximidades dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo continua muito agitado pelo que é natural que os aviadores tenham de aguardar oportunidade para recomeçarem o seu extraordinario vôo.—(A.)

Os aviadores receberam muita correspondencia e jornais

RECIFE, 3—Sacadura Cabral e Gago Coutinho continuam sendo festejadissimos. O vapor *Florianopolis* levou-lhes numerosissimos massos de correspondencia e muitos jornais cuja leitura, na parte em que lhe faz referencia, os sensibilizou em extremo.—(A.)

O BODO DA CIDADE

Pela Direcção do Club dos Restauradores-(Maxim's) foi entregue ao sr. Governador Civil a importancia de 3:056$50 e uma nota de mil coroas (austriacas), produto total da grande festa que se realisou neste club na noite de 29 ultimo.

A proposito diremos que esta festa teve muita importancia, tendo concorrido a ela bastantes socios deste club de recreio que, alem do pagamento do bilhete de entrada especial, nesta noite, no valor de cinco escudos, pagaram flôres e bonbons por elevados preços.

Discursou o senhor Silva Passos, houve bastantes numeros de variedades por artistas nacionais e estrangeiros e abrilhantaram este espectaculo duas orquestras.

Foi uma bela e interessante festa a que assistiu o senhor Governador Civil e seus secretarios, além de muitas outras individualidades categorisadas.

Maria das Dôres Ferreira Martins

FALECEU

Miguel Martins, Julia Martins da Silva, Candida Martins da Silva, Manuel Martins e Florinda Candida Martins participam o falecimento de sua chorada esposa, mãe e nora Maria das Dôres Ferreira Martins e que o seu funeral se realiza amanhã, 4 de maio, pelas 15 horas, saíndo o prestito funebre da rua do Diario de Noticias, 102, 4.º, para o cemiterio oriental (Alto de S. João).

Por este motivo convidam as pessoas de suas relações e amizade a comparecer no funeral, o que antecipadamente agradecem.

Tendo falecido a madrugada passada a esposa do chefe das oficinas do *Diario de Lisboa*, Miguel Martins, o quadro tipografico convida todos os seus colegas dos outros jornais a comparecer no funeral, que se realiza amanhã, pelas 15 horas, saíndo o prestito funebre da rua do Diario de Noticias, 102, 4.º, para o cemiterio oriental.